

Ver o Desenho

Ver através do Desenho

Os desenhos da arquitetura constitui-se na segunda etapa dentro do projeto O desenho e suas abrangências.

A exemplo da primeira exposição (Regina Silveira - desenhos), e dentro da idéia que permeia grande parte do projeto, trata-se de um conjunto de desenhos que representam as etapas intermediárias do processo de criação e concepção da obra, neste caso, de arquitetura. O desenho, aqui, é mais uma vez instrumento de elaboração e construção de uma idéia: o traço dá conta de definir espaços, criar volumes, aferir proporções; ele estuda detalhes, sugere possíveis acabamentos, configura "cenários urbanos".

A partir de croquis, desenhos à mão livre, as primeiras idéias são sucessivamente trabalhadas, transformando-se em desenhos mais técnicos, ganhando escala e medidas; vão amarrando a idéia inicial, indicando os limites pragmáticos de um ponto de partida ideal.

É num exercício de abstração da visão e do pensamento que o desenho da arquitetura tem sua existência; pois é recurso para a representação, no plano bidimensional, de uma concepção que se materializa no espaço.

Através de suas convenções, instrumentos e superfícies, o desenho de arquitetura se impõe como uma presença material, mediando a relação entre idéia e objeto de criação.

A prática do desenho para os arquitetos é uma tradição cujos sinais encontramos desde a época medieval.

Até uma época recente, a partir da qual consideramos o uso do computador, podemos dizer que o desenho era a principal maneira

de representar e comunicar o trabalho do arquiteto.

Ao final do século XVIII, vários fatores contribuíram para a evolução do desenho de arquitetura. Um gênero novo aparece: o desenho de ficção arquitetônica, exercício de imaginação, próximo dos desenhos de cenários de teatro.

Impossível deixar de mencionar aqui a influência de Piranesi: ao mesmo tempo arquiteto, arqueólogo e gravador, seus desenhos têm um caráter especulativo sobre a própria natureza da representação.

A construção elaborada dos desenhos visionários, prática que perdura até os dias de hoje, manifesta mundos imaginários que não existem em nenhum outro lugar, senão no próprio desenho. Representam mais do que as formas de um objeto; criam uma atmosfera, uma luminosidade muito próprias; são verdadeiras "visões da arquitetura", vividas através do desenho.

No século XIX, o desenho de arquitetura conhece uma espécie de apogeu. Dentro da tradição da "Escola de Belas Artes", juntamente com a pintura e a escultura, é exposto nos "grandes salões".

No início do século XX, temos os arquitetos em perfeita consonância com os movimentos da arte moderna: é talvez o momento mais intenso da "invenção" de uma arquitetura moderna, momento este de ruptura e transformação da herança cultural do passado.

Uma nova arquitetura, uma nova maneira de pensar, um novo repertório de formas.

É onde situamos nosso conjunto de desenhos.

Percorrer esta exposição, examinar estes desenhos que nos servem como suporte para reflexão, sugere um olhar que alternadamente veja os desenhos – a representação da arquitetura – e veja através deles – a arquitetura propriamente dita.

Impossível priorizar uma leitura sobre a outra.

Estela Sahn, setembro de 1995.